

SOFIA AFONSO

O Primeiro Livro
do Diário de Sofia

ÍNDICE

Prefácio	9
Como tudo começou!	11
Janeiro	19
Fevereiro	28
Março	62
Abril	92
Maio	112
Junho	136
Posfácio	138
<i>Press Release</i> enviado para assinalar o lançamento d'O Primeiro Livro do Diário de Sofia	142

PREFÁCIO

A primeira impressão que tive dos textos d'O *Diário de Sofia* foi de que estes refletiam com muita acutilância a verdadeira adolescência com os seus problemas com os pais, os seus amores e desamores, as melhores amigas, a indecisão sobre o futuro. Tudo aquilo que faz parte do nosso crescimento enquanto adolescentes, seja em Portugal ou em qualquer parte do mundo, como mais tarde veio a provar-se, com o sucesso internacional da série e dos livros que a inspiraram.

A Sofia nasceu nos livros e rapidamente ganhou vida na rádio, em formato de revista e, por fim na, televisão. Esta foi, entre 2005 e 2007, uma série exibida na RTP1 e RTP2 feita a pensar no dia a dia dos mais jovens com problemas que facilmente podiam ser da nossa própria vida. Por isso, ter dado vida a esta personagem foi uma experiência incrível.

Além das temáticas abordadas em mais de trezentos e noventa episódios diários, esta foi ainda uma série inovadora que permitia ao público escolher o desfecho de cada episódio, ou sendo mais correta, o início do episódio seguinte. Olhando um pouco para trás, acho que esta interação constante entre as personagens e os fãs da série foi um dos fatores mais importantes para o seu sucesso.

Durante três anos, encarnei a Sofia dentro e fora do ecrã, gravava intensivamente com o elenco e, depois, passava dias no quarto da Sofia, a falar diretamente para a câmara, onde lançava os dilemas para

o público escolher a melhor solução. Nas paragens entre gravações, tive ainda o privilégio de visitar várias escolas, um pouco por todo o país, contactando com os fãs que sempre me acarinharam. Hoje, sei que esta é uma série muito à frente do seu tempo e, talvez por isso, não estranhe que a geração que me viu crescer nesta série ainda me chame Sofia.

Este foi o diário de uma jovem chamada Sofia, mas, no fundo, poderia ser o diário de qualquer uma de nós.

Marta Gil

Atriz e apresentadora de televisão. Entre 2005 e 2007, deu o rosto pela personagem Sofia inspirada nos livros da coleção *Diário de Sofia*.



COMO TUDO COMEÇOU!

Olá! Sou a Sofia. Tenho dezassete anos, estou no 11.º ano, na área de Ciências, e estou a pensar seguir Medicina. Namoro com o Joca e sou inseparável da Rita e da Joana. E do meu telemóvel, é claro.

Moro em Belém. Tenho dois irmãos. Um rapaz, o Francisco, quase três anos mais velho do que eu — vai fazer vinte — e uma rapariga, mais nova, a Mariana, que tem uns insuportáveis catorze anos! Não será preciso dizer que estamos sempre às turras, porque:

- o meu irmão não faz nada em casa, a não ser comer e dormir;
- e a minha irmã, além de não fazer nada em casa, ainda se diverte a mexer nas minhas coisas, a vestir a minha roupa e a desarrumar o meu quarto, que tenho de arrumar quando chego a casa.

Lá em casa também moram os meus pais! Para ajudar à festa, passam o tempo a dar-me sermões sobre a importância das boas relações entre os irmãos, sobre o quão importante é a escola e as boas notas, sobre o facto de eu gastar a minha mesada num ápice, sobre o facto de eu falar mais ao telemóvel do que de outra forma qualquer! Enfim, mantêm-me sob uma perseguição cerrada, em relação à qual é preciso muita perícia para escapar ilesa.

Dou-me muito bem com os meus pais, exceto quando eles são caretas e não me deixam fazer o que quero! Com os meus irmãos, as coisas são um bocadinho diferentes. Passamos a vida a disparatar uns com os outros pelas razões mais mesquinhas. Mas acho que isto acontece na casa de qualquer pessoa com irmãos. Não quero acreditar que a minha família seja uma exceção.

Mas, além da mãe, do pai, do Chico e da Mariana, há ainda o resto da família Afonso! A mãe tem duas irmãs, que por sua vez têm maridos, e filhos! A mãe é a mais velha; depois, vem a tia Isabel (Bebé, como gosta que lhe chamem — «Isabel é muito vulgar!») e a mais nova é a tia Aurora. Mas o terror da família são os filhos da tia Bebé! A Luísa, a Sara, o Alexandre e o Diogo — os gémeos! É impossível fazer uma reunião de família sem que aqueles dois miúdos destruam metade do que encontram!

Para amenizar estes tempos de guerra, tenho a Joana e a Rita, as minhas melhores amigas. Conhecemo-nos no infantário e andámos sempre na mesma turma até ao 9.º ano, quando tivemos de nos separar, porque tínhamos objetivos diferentes: eu e a Rita seguimos Ciências e a Joana seguiu Artes. Apesar das diferentes escolhas curriculares, não estamos muito longe umas das outras, porque andamos na mesma escola e todos os bocadinhos que temos aproveitamos para estarmos juntas e pôr a conversa em dia!

A Rita nasceu no dia 9 de maio. É Touro. É muito exigente com as pessoas. Escolhe a dedo os amigos. Pode parecer muito distante à primeira vista, mas está sempre pronta para se divertir.

É uma ótima pessoa e está sempre pronta a ajudar. E às vezes, a boa vontade dela acaba mal. Uma vez, fomos as três ao cinema, eu, a Rita e a Joana. Quando terminou a sessão, chovia torrencialmente, mas como tínhamos de apanhar o metro, tivemos de correr e ainda apanhámos uma molha valente.

Estávamos a atravessar a rua a correr, quando a Rita reparou numa senhora de idade cheia de sacos numa mão e guarda-chuva na outra. Como estava a custar-lhe atravessar a rua por causa da chuva e do vento, a Rita decidiu ajudá-la e ofereceu-se para lhe levar os sacos. A senhora deve ter pensado que a Rita queria ficar-lhe com as compras e desatou a bater-lhe com o guarda-chuva. Foi uma cena inesquecível. A Rita só dizia:

— Mas eu só a quero ajudar! Não quero roubar-lhe os sacos. Só quero ajudá-la. — E quanto mais dizia que queria ajudar, mais a senhora lhe dava com o guarda-chuva.

— Sua ladra! Julgas que eu te vou deixar fugir com as minhas compras? Nem penses. Acabo contigo antes de atravessares a rua.

Que falta de respeito! Uma pessoa já não pode ir descansada com as suas compras. Têm de vir estes fedelhos.

A Rita, cheia de boas intenções a tentar ajudar, e a senhora a bater-lhe. Mas ela não desistiu. Trouxe os sacos até ao outro lado do passeio e, depois, fugiu a sete pés, porque a senhora continuava atrás dela para lhe bater. Eu e a Joana estávamos perdidas de riso. Quando a Rita chegou perto de nós, tivemos de fazer um esforço enorme para não nos rirmos na cara dela.

A Joana é mais sossegada que a Rita, mas não menos exigente. Detesta pessoas vaidosas e inconstantes. Não suporta que se metam na vida dela. Não pode ver ninguém a discutir. Irrita-se logo. Adora reuniões de família e juntar os amigos. É muito segura de si. Gosta de rapazes com os pés na Terra, mas com uma pitada de «loucura». Tem um estilo muito próprio. Adora usar roupas diferentes e tem uma fixação por acessórios: gorros, lenços, cachecóis, ponchos, cintos. Mas nada de marca, apenas peças usadas e, de preferência, muito fora do comum.

Mas a Joana, embora seja um bocadinho distraída, é muito senhora do seu nariz e não consegue ficar calada quando vê que alguma coisa está mal! E isso já nos deu algumas dores de cabeça.

Ela tem um encanto inexplicável, parece que deixa as pessoas enfeitiçadas. Talvez seja da personalidade ou do olhar. O ano passado, quando começaram as provas globais, costumávamos ir estudar para uma esplanada. Um dia, um rapaz chegou à nossa mesa e ficou completamente especado a olhar para a Joana. Só a tinha visto naquele dia, mas sentiu-se completamente fascinado. Até a convidou para sair. Mas a Joana disse logo que não queria sair com ele:

— Primeiro, porque não te conheço de lado nenhum. Segundo, porque podias ter sido mais original! Se querias impressionar-me, no mínimo devias esforçar-te um bocadinho mais!

— Olha, mas eu posso tentar de novo. A sério. Dá-me mais uma oportunidade! *Please?*!

— *OK*. Tens o fim de semana para pensar em alguma coisa.

— Não vou desapontar-te — disse o rapaz, surpreendido com tal desafio.

Eu e o resto da malta ficámos de boca aberta. Nunca tínhamos visto nada assim. O rapaz estava, de facto, enfeitiçado pela Joana.

Esteve a tarde toda na esplanada pregado à cadeira e não conseguia tirar os olhos dela!

Na semana seguinte, na segunda-feira, quando chegámos à esplanada, deparámos com um espetáculo que nem dava para acreditar. O Bernardo, era assim que se chamava o rapaz, tinha espalhado orquídeas brancas por todo o lado, fez uma serenata à Joana e, no final, convidou-a para um pequeno-almoço. Nada mais inesperado. A Joana deu o braço a torcer. Só que aquilo não resultou em nada. Quer dizer, em termos de namoro, não deu em nada, mas eles ficaram superamigos.

Além da Joana e da Rita, tenho um outro bom amigo: o Zeca. É o mais divertido de todos. É daqueles amigos que fazem questão de ver toda a gente animada. Se nos vê mais tristes, fica logo preocupado e não descansa enquanto não nos fizer sorrir. E, verdade seja dita, ninguém resiste ao Zeca.

Passa a vida a organizar festas em casa dele. Adora receber o pessoal e faz questão de preparar sempre uma surpresa. Tem imenso jeito para o teatro. É incrivelmente expressivo e tem um sentido de humor fantástico.

Há também o Joca, o meu namorado. Não sei porque o deixei para último?! Começámos a namorar no início do ano, depois de o Joca ter passado as férias sempre atrás de mim na praia. O rapaz é, realmente, determinado! Não desistiu! Mesmo depois de todos os foras que lhe fui dando, porque não queria comprometer-me antes do fim das férias! Mas, entretanto, começaram as aulas e o Joca finalmente conquistou-me com a sua persistência.

É um rapaz muito romântico, está sempre preocupado comigo, é muito inteligente e tem um sentido de humor fantástico. Mas como não há bela sem senão, o Joca não é perfeito! É muito, e quando digo muito, quero dizer MUITO mesmo, muito ciumento. Às vezes, chega a ser um pouco doentio, mas deve ser da idade, digo muitas vezes para o descolar. Toda a gente sabe que os rapazes nesta idade ainda são muito imaturos. E o Joca não foge à regra!

Claro que não foi amor à primeira vista — isso é só para os filmes. Quando nos conhecemos, o Joca era mais um rapaz da minha turma. Não vou dizer que não o achei giro, porque é mentira. O Joca é muito giro, mas o facto de ser muito calado e muito tímido deixou-me um

pouco de pé atrás em relação a ele. Mas, com o tempo, fui mudando de opinião. Fomo-nos conhecendo melhor e percebi que o Joca é um rapaz fantástico!

Andou quase um ano atrás de mim e eu nunca dei o braço a torcer. Mas rendi-me, finalmente, no dia 1 de novembro.

No dia em que começámos a namorar, chovia muito. O Joca telefonou-me a convidar-me para irmos ao cinema:

— Ao cinema? Estás maluco? Está a chover tanto! Mal ponha um pé fora de casa, fico logo toda encharcada. Não pode ficar para outro dia?

— Não, Sofia. Tem mesmo de ser hoje. Fico à tua espera às cinco horas, no Vasco da Gama. Encontramo-nos nas bilheteiras, *ok?*

— Oh, Joca, a sér...

E deixou-me a falar sozinha. Não me apetecia nada sair de casa com aquela chuva toda, mas também não tinha coragem de deixá-lo plantado nas bilheteiras, sozinho, o resto da tarde. Então, lá fui eu. Mas tive de ir de táxi, caso contrário chegava lá mais molhada que um pinto.

— Olá, Joca. Então, tudo bem?

— Ainda bem que vieste, Sofia. Olha, já não há bilhetes para o filme que queria ver. Mas podemos ficar por aqui. Comemos um gelado e pomos a conversa em dia. O que me dizes?

Devo confessar que fiquei para morrer. Estava tão bem em casa. Venho de propósito para vir ao cinema com o Joca e, ainda por cima, a sessão está esgotada. Lá fomos comer um gelado e pôr a conversa em dia. Mas a tarde ainda me reservava mais surpresas.

— Sofia, parou de chover. Queres ir até à beira-rio? Vamos só apanhar um bocadinho de ar fresco. Anda!

Eu nem tive hipótese de dizer sim ou não, porque o Joca agarrou na minha mão e saiu disparado pelo *shopping*. Só parou quando chegámos à beira-rio. Estava tanto frio. Mal ele me largou, apertei o casaco e calcei as luvas.

— Vamos andar um bocadinho? Anda, Sofia.

— Ó Joca, tu estás bem? Está tanto frio. Vamos voltar lá para dentro.

— Sofia, queria falar contigo. Sabes, queria...

E começou a chover. Chovia tanto que me agarrei ao Joca para tentar abrigar-me. Ele olhou para mim, abraçou-me e deu-me um beijo muito meigo.

— Joca, eu...

— Sofia, há montes de tempo que queria perguntar-te...

— Sim?!

— Sabes, eu...

— Sim?! Tu, o quê?

— Sofia, queres...

— Quero o quê?

— Tu sabes!

— Não sei não, Joca!

— Sofia, queres... namorar comigo?

— Sabes, Joca, eu...

— Sim?!

— Eu acho que...

— Sim?!

— Sim.

— Sim?!

— Sim, Joca. Quero namorar contigo!

E ficámos ali, abraçados, à chuva. Foi só quando estávamos encharcados até aos ossos que nos demos conta de que estávamos, de facto, à chuva e corremos para o *shopping* para apanharmos um táxi para casa. Depois de tomar um duche bem quente e um chá, liguei ao Joca.

— Obrigada pela tarde de hoje. Foi muito bom.

E foi assim, o meu primeiro beijo com o Joca. À chuva, tal como num clássico do cinema. *OK*, talvez eu tenha exagerado num ou noutro detalhe desta história, mas é assim que recordo aquela tarde.

Sofia Afonso

P.S. — A pior prenda que recebi até hoje foi um diário que me foi oferecido pela minha querida tia Bebé (Isabel). Diário esse que eu tinha oferecido seis anos antes à minha prima Luísa (que tem a minha idade). O que acontece é que a minha tia tem a mania de reciclar as

prendas que as minhas primas não querem, mas desta vez meteu a pata na poça, porque me deu uma prenda que EU tinha dado à minha prima. Que barraca! De qualquer maneira, não me afeta muito, porque como não tenho a mínima vocação para escrever diários (nem vocação, nem paciência), não vou usá-lo. E tenho dito! Além do mais, já não tenho idade para escrever diários.